



A crise da Universidade como fenómeno generalizado e profundo, localiza-  
se essencialmente no aspecto de formação e cultura. Que a crise existe n  
neste aspecto é um facto unanimemente reconhecido e que afecta uma fina-  
lidade essencial da Universidade é igualmente <sup>in</sup>contestável. Os pensadores  
das mais diferentes ideologias assinalam à Universidade, como finalidades  
primaciais, além do ensino profissional e da investigação científica, uma  
indeclinável missão de cultura.

E isto resulta logicamente da necessidade de formar mais do que engenheir  
ros ou advogados, médicos ou professores, aquele tipo de Homens de que  
fala o Doutor Pacheco de Amorim ~~homens com formação~~ capazes de ocupar es  
mais delicadas funções na condução da Sociedade-.

Resulta, ainda, de se enquadrar neste aspecto a estruturação dum ideal de  
vida seguro e forte que, uma vez adquirido, é força impulsionadora de toda  
a actividade e cuja intransigente da conduta humana. E a necessidade de  
ideal evidencia-se sobremaneira no condicionalismo da hora presente, em  
que a aterradora inquietação do mundo, não é mais que um choque brutal,  
uma luta acerba e tenaz de ideologias irredutíveis.

Dispensco-me, pois, de demonstrar ou encarecer estas duas premissas:

- A Universidade tem de dar uma formação integral através duma verda-  
deira cultura;
- A Universidade atravessa uma crise neste aspecto essencial da sua  
missão.

Quando muito poderia ilustrar tais afirmações com o caso concreto da  
minha Universidade, auscultando as preocupações ideológicas e culturais  
do universitário de Coimbra. Mas é igualmente dispensável essa análise,  
apenas confirmativa duma verdade por demais aceite e reconhecida.

Estamos perante uma crise que urge debelar. &



Se a crise é de formação-uma formação integral-desde logo pode objectar-se que as soluções do problema estão dentro de nós. A formação dirige-se ao indivíduo e não à colectividade. Cada um por si terá de alicerçar essa formação, cultivando o espírito, estruturando a sua personalidade. É um domínio do "eu" em que nenhuma força exterior pode agir sem a vontade própria do indivíduo, porquanto o fenómeno é eminentemente subjectivo e pessoal.

Está certo. Mas daí não cheguemos ao ponto de considerar inútil ou sequer dispensável a acção que vem de fora para o indivíduo. Quando muito que ela não é decisiva, nem por si só eficaz.

Neste aspecto <sup>avulta</sup> ~~avulta desde já~~, com suficiente clareza, a necessidade da acção em comum, duma actividade formativa e cultural que transcenda o indivíduo para ser obra de vários que se associem para o mesmo fim. ~~Tal~~

Tal pode resultar, desde logo, da própria natureza dos meios empregados. Será o caso de um cine-club, dum orfeon, dum grupo teatral.

Mas, aparte <sup>do seguinte:</sup> ~~qualquer particularismo~~, estão convencido ~~desta verdade,~~ ~~colhida na experiência dos factos:~~ a actividade formativa e cultural tem marcado um imprevertível sentido de comunidade. Vive de estímulos recíprocos, do exemplo, da troca de impressões, da própria discussão, é, em suma, tipicamente colaboracional.

Aqui <sup>radica</sup> ~~radica~~ a importância dos organismos a que me refiro e que pode rei exemplificar (mas não enumerar exaustivamente) com: orfeons, grupos teatrais, cine-clubes, tunas e quaisquer organizações culturais autónomas ou a estes liadas, como sejam jogos florais, sessões de estudo etc. A sua acção é imprescindível para a cultura do estudante, não bastando que a Universidade propriamente dita exerça nesse sentido uma actividade muito intensa, o que, infelizmente, não é o caso dos nossos dias.

Mas, para que tais organismos tenham esta destacada e real importância, é preciso que os informe o verdadeiro espírito da sua missão e não se afastem dela e não disvirtuem o escopo essencial <sup>para</sup> ~~para~~ servir finalidades





puramente acessórias.

Têm de ser primeiro <sup>que tudo,</sup> veículos de cultura, instrumentos ao serviço da causa comum. Cada um <sup>na</sup> ~~dentro de~~ faceta que lhe é peculiar-dentre as muitas que integram a formação total do Homem-deve dirigir-se principalmente àquelle objectivo. Para isso têm de afirmar uma presença viva no meio académico, contactando com ele em regularidade e frequência. Se se trata, por exemplo, dum organismo de carácter artístico, como será a maioria, só por tal modo conseguirá apurar gostos, educar sensibilidades, despertar estímulos pelo seu culto, dar-enfim-o seu contributo específico para a desejada formação.

Nestes termos, já não consideraria despendendo este problema para chamar a ele as atenções do nosso I Congresso.

Mas outra missão importante podem tais organismos desempenhar, sem que para ela canalizem qualquer actividade directa e específica. Bem claro ressalta como eles são, por sua própria natureza, factores de espírito comunitário, saudade amarga que o sopro individualista não poupou na sua passagem pela instituição universitária. Concerando alunos e professores (pois também estes não podem alhear-se), os organismos de extensão cultural, no desenvolvimento normal da sua acção, fomentam e intensificam esse decentado espírito de comunidade, cujo restabelecimento no âmbito da instituição é possível e necessário. Assim o afirma expressamente o grande mestre italiano Francesco Vito <sup>conforme refere o Prof. Pires Cardoso na sua nota</sup> ~~e a importância de tal comunidade na vida da Universidade~~ <sup>vel oração de sapiência.</sup> ~~é manifestá e por todos reconhecida com firmeza.~~

Fica assim definida, portanto, a alta função dos organismos de extensão cultural:

- Auxiliares imprescindíveis da Universidade na sua missão de cultura.
- Fontes de espírito comunitário, necessidade vital da instituição universitária.

Mas nunca é demais frisar que para tanto não podem afastar-se da sua verdadeira missão. Assim <sup>exemplificam concretamente)</sup> ~~(para concretizar)~~ um grupo teatral de universitários tem de visar em primeira linha a cultura artística da massa académica





236  
e ~~secundariamente~~ a preparação de exhibições fora do meio. Tem de interessar no seu culto o maior número possível de estudantes e não apenas procurar manter um grupo restrito dos "melhores". Uma selecção mantida sistematicamente para o êxito exterior é um desvio do primacial para o acessório.

O mesmo se diga "mutatis mutandis" e em maior ou menor medida para os outros organismos.

"RESUMO E CONCLUSÕES"

O problema reside, portanto, no seguinte:

- a) - Compreensão exacta da importante função dos Organismos de Extensão Cultural, que não podem ser olhados como algo de acessório (simples manifestações folclóricas, por exemplo) mas antes como necessário complemento ~~de uma finalidade~~ ~~de essencial~~ da Universidade.
- b) - Necessidade de os encaminhar no verdadeiro sentido da sua missão, evitando o predomínio do secundário sobre o primacial.

Para tanto urge que:

- 1º - Estudantes e Autoridades Universitárias vejam tais organizações <sup>por este</sup> ~~para~~ verdadeiro prisma.
- 2º - Inteirados do alto papel que desempenham, as Autoridades Universitárias estimulem a sua criação e os amparem na medida do possível.
- 3º - Dirigentes e responsáveis zelem no sentido de todos os organismos cumprirem a sua autêntica missão, não permitindo que se convertam noutra coisa, por ~~inversão~~ <sup>desvio</sup> na ordem de finalidades.
- 4º - Não falte a imprescindível colaboração dos Mestres, especialmente dos mais indicados pelas circunstancias particulares de cada organismo, considerando-se para todos os efeitos, serviço oficial da Universidade todo o que prestarem com esse fim.

Coimbra, 28 de Março de 1953

Mário Bento Martins Soares

